## Gabriel Resende Santos — Cinegrafias

Na poltrona, desperto. Os ruídos soprando grandes triângulos. Pirâmides, Cilindros, Em filas de cinema vislumbrei os pesados volumes da terra sem lei. No Odeon as mímicas automáticas de luminosas tesouras de titânio, cortando os tíckets amarelos. As musas sob a pesada lona exaltavam Wagner e as danças de mãos juntas. As musas não se entendiam. Forçavam a trilha sonora nos narizes. Nas testas. Onde assinavam as cifras e o roteiro da obra-prima. Na poltrona, sabia ser Gigante e subtrair espíritos em pequenos grunhidos. Era permitido obter a glória na cabeca do vilão. As palavras flexíveis viriam das bocas das ninfetas e bem antes das letrinhas. Porque as musas são de bronze. Porque o céu é de couro. E depois, porque o depois é fim, na última nota do violino e no último crédito de figurante, todas as películas do sonho se tornam uma una e imensa gota corporal fugindo de olhos entreabertos.

Gabriel Resende Santos, Desvio para o Vermelho